



## As Práticas de Cura entre o Povo Bororo de Mato Grosso

*The Healing Practices Among the Bororo People of Mato Grosso*

LIRA, Josefa Raimunda<sup>1</sup>; COUTINHO, Dolores Pereira Ribeiro<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Católica Dom Bosco, josefafma@gmail.com; dolorescotingo@ucdb.br

**Resumo:** Relata-se aqui uma experiência realizada entre o Povo Bororo, na missão de Meruri, situada no Centro-Oeste brasileiro. Apresentada pelo Pe. Gonçalo Ochoa (SDB), que dedicou sua vocação missionária nesta missão por mais de 50 anos, quando chegou da Colômbia e foi acolhido como sendo da Família. No século XXI o religioso é tido como uma das autoridades dentre as que mais dominam e tem conhecimento sobre a cultura e a língua do povo Bororo. Os índios dessa etnia, ocupam Terras Indígenas demarcadas no estado de Mato Grosso, num território descontínuo e descaracterizado, chamado Meruri, que corresponde a uma área 300 vezes menor que o território tradicional. Visto também que o presente trabalho quer ser um relato de experiência missionária salesiana entre os Bororo de Meruri, na medida do possível, apoio-me em escritos e depoimentos orais que testemunham a ação dos Bororo no cuidado com a própria saúde. Toda ação supõe, ao menos, um agente. Deste modo, a história de contato com os Bororo envolveu vários agentes e interesses diversificados. Os envolvidos são pessoas concretas. Elas poderiam ser definidas como seres que experienciaram a vida dentro de um grupo específico, situadas num espaço físico e num período delimitado de tempo. Em suma, essas pessoas se expressam pela cultura, e são movidas por interesses particulares.

**Palavras-chave:** Remédios, Doença, Bororo, Ação Missionária.

**Abstract:** An experience is reported here among the Bororo people, in the mission of Meruri, located in the Center-West of Brazil. Presented by Father Gonçalo Ochoa (SDB), who dedicated his missionary vocation to this mission for more than 50 years, when he arrived from Colombia and was welcomed as a family member. In this 21st century he is considered one of the authorities among the most dominant and knowledgeable about the culture and language of the Bororo people. Indians of this ethnic group occupy Indigenous Lands demarcated in the state of Mato Grosso, in a not continuous and decharacterized territory, called Meruri, that takes an area 300 times smaller than the traditional territory. Considering also that the present work wants to be an account of Salesian Missionary experience among the Bororo de Meruri, as far as possible, I rely on oral statements and testimonies that testify to the Bororo's actions in the care of their own health. Every action supposes at least one agent. In this way, the history of contact with the Bororo involved several diversified agents and interests. The agents involved are concrete people. They could be defined as beings who have experienced life within a specific group, situated in a physical space and in a period of time. In short, these people express themselves through a particular culture, driven by particular interests.

Keywords: Remedies, sickness, Bororo, Missionary action



## Contexto

### *Doenças e remédios entre os Bororo*

No dia 18 de janeiro de 1902, chegaram em Terras Bororo os primeiros Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora e leigos, com o objetivo de desenvolver um trabalho educativo pastoral em conjunto. Os primeiros superiores eram, Pe. João Balzola e Ir. Rosa Kiste e iniciaram a primeira missão na região denominada “*Toripó*” (Tachos). Foi assim que começaram os primeiros contatos com o Povo Bororo, que se desenvolveram atividades educativas e de auto sustento.

Essa missão era exclusivamente composta por indígenas Bororo atendidos pelos Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, também com a colaboração voluntária de Leigos(as) e alguns funcionários, primeiro na Colônia Sagrado Coração. Depois se estendeu para Colônia Imaculada, na beira da Cachoeira do Córrego Araci. Tal Missão se caracterizou exclusivamente pela assistência aos Bororo. Pois não existem registros que comprovem outros tipos de povos nesta região. Tal missão ofereceu ao Povo Bororo a assistência, econômica, à saúde, na educação e na evangelização. Um dos Missionários que se destacou na referida missão foi Pe. Gonçalo Ochoa (SDB), que dedicou sua vocação entre esse povo por mais de 50 anos, desde que chegou da Colômbia.

Segundo Pe. Ochoa, o conhecimento dos remédios e sua aplicação entre os *Boboro* (Etnia indígena) não era formação exclusiva dos *Bari* (benzedor/agentes de saúde Enciclopédia *Bororo*, v 1, p.239: 5,6) e *Aróe* (benzedor/agentes de saúde Enciclopédia *Bororo* 1 p 115:3) *Etauvara are*: cada família e cada pessoa, no contato diário com a natureza, conhecia e sabia usar os remédios.

Isso não impediu que os Bororos continuassem usando seus remédios, mesmo com a presença de benzedores e enfermeiros. Tanto no posto da FUNAI como nas Missões: o uso desses medicamentos tem diminuído muito, principalmente devido a redução dos territórios e de seus sábios, pois a população atual, no século XXI, em sua maioria é composta de jovens com intenso contato com a sociedade branca e sem grande contato com a natureza.

## Descrição da Experiência

### *As doenças mais comuns*

O Povo Bororo não se deixa abater facilmente com os primeiros sintomas e suportam com coragem as doenças. A resistência física, porém, quando chega ao limite, os faz se deitarem sobre a esteira dentro de sua própria choupana perto do fogo. Com resignação e extraordinária paciência, aguardam a cura, pelo resultado final da doença. Tal situação não supõe que eles fiquem abandonados; os parentes e amigos estão sempre por perto e lhes proporcionam remédios de vegetais ou a presença do *Aróe Et-Awára Áre*, *Xamã das almas*, ou do *Bári*, *Xamã dos Espíritos*, e se procura oferecer os alimentos que eles necessitam. Em



geral, perto do doente, há sempre alguém disponível para atender suas precisões, e empenhado em afastar os insetos impertinentes.

Quando a pessoa doente é criança, sua mãe se coloca na esteira, à indiana, e conserva-se imóvel, às vezes por dias e noites, com o filho em seu colo. Tal imobilidade prolongada por muitas horas termina prejudicando a saúde da genitora. Como foi dito, a alimentação nunca falta para que o doente chegue logo ao reestabelecimento, pois o Povo Bororo acredita que a doença incurável tira logo o apetite da pessoa. Caso o doente possa caminhar e fazer suas necessidades fisiológicas sozinhos, então assim se dá, mas acompanhado por alguém. Não sendo é possível os familiares abrem buracos sucessivos dentro mesmo da choupana e depois do uso, os cobrem com terra. Quando estão passando mal exclamam: – *J'rubo J'túre í*, ela doença sua morada eram mim, a i.e., estou doente; ou também *J'rubo Rugodó-re í*, ela doença assalto teve mim *a e i*. a doença assaltou-me e me consome.

Narra uma lenda, que quando uma mulher *Birimodoródo* (uma lenda de como originaram as doenças), tendo consumido grande quantidade de peixes, era tomada por violentas cólicas abdominais, que lhe faziam gritar em altos gemidos, então era liberada todas as doenças de seu corpo.

O – *Aróe Et-Awára Áre*, Xamã das almas e o – *Bári*, Xamã dos Espíritos Diferentes justificam as doenças como efeito de seres estranhos presentes no corpo do doente. Seus familiares e o próprio enfermo, atribuem as doenças e feitiços ou malefícios a algum inimigo. Também, podem as doenças serem causadas por motivos reais, como ausência completa de higiene e profilaxia: esses motivos muitas vezes por um mal-estar de origem benigna agravam-se assustadoramente; com a falta cuidado e resguardo por parte do doente: frequentemente com o sofrimento - ocasionado pela febre o doente joga-se na água fria.

A não observância de dieta, especialmente no período da convalescência, faz com que o doente logo, que volte, o apetite comece a se alimentar desregradamente; exigências familiares e sociais: caçadas, ágapes, danças e festas prolongadas e extenuantes; ou mesmo extirpação periódica de sobrancelhas e dos cílios provocam fáceis moléstias de olhos.

As principais moléstias são oftalmias que às vezes degeneram e provocam a cegueira; infecções do aparelho respiratório: gripes, resfriados, pneumonia, bronquites e a tuberculose pulmonar. A tuberculose é denominada, por causa de suas manifestações exteriores, de *koja-Riréboe*, tosse, que nos últimos decênios, final do século XX e início do XXI, adquiriram um aspecto mais benigno, registrando-se um menor número de casos fatais;

Também são os Bororo acometidos por:

- Afecções gastrointestinais agudas que assumem caráter maligno entre as crianças;
- Opilação com manifestações de geofagia;



- Infecções dos gânglios linfáticos, especialmente inguinais, causadas por ferimentos aos pés e às pernas;
- Abscessos;
- Reumatismo e artrites;
- Febres maláricas;
- Dermatoses em geral benigna;
- Traumatismos, ferimentos vários, luxações;
- Picadas de cobras venenosas;
- Epidemias: varíola, varicela, sarampo, escarlatina;
- Estomatites, especialmente em crianças.
- Para essas patologias utilizam-se vários tipos de medicamentos tradicionais.

Os remédios vegetais são dos quais, o povo Bororo tira virtudes curativas para tratamento de suas infecções mórbidas. Eles são usados em tisanas, infusões ou banhos que podem produzir benéficos efeitos.

#### Quadro 1-REMÉDIOS UTILIZADOS PELOS INDÍGENAS

REMÉDIO	UTILIDADE	MODO DE USO
<b>ORIGEM MINERAL</b>		
Pedra Pomes	Proteção Geral	Amuleto
Sal e Bolus	Afecções intestinais	Não específica
<b>ORIGEM ANIMAL</b>		
Dentes de jacaré	Picadas de cobras	Rasps dos dentes são ingeridas com água.
Dentes de onça, unhas de tamanduás, rodela de concha fluvial	contra picadas de cobras	Amuleto
Banha fresca do jacaré	Tumores reumáticos e feridas	Fricções e tumores reumáticos nas feridas
Formigas com farinha de mandioca	Excitante para a dispepsia.	Ingestão
Pedrinhas encontradas no estômago do jacaré	Litíase renal	Não específica
Cinzas das unhas das onças	Anestésico	Não específica
<b>ORIGEM VEGETAL</b>		
Leite de Euforbiáceas Folhas de uma Piperácea	Exostose do perônio	Por fomentações
Raízes e renovos radiculares de caniços aromáticos como do Albará, da Paco-seroca	Limpar e curar feridas	Machucados e feridas
Raíz do <i>Piper Nodosum</i>	Dor de dente	Mastigada fresca
Água de coco mole	Úlcera sifilítica	Banhar a região
Seiva amarela da planta <i>Caaopiá - Vismiae</i> e madeira amarela da <i>Butua</i>	Doenças do fígado	Não específica
Bálsamo do pinheiro-brasileiro.	Cicatrizar feridas	Não específica

Fonte: adaptação de Carvalho, 2017.



Entretanto não se sabe a eficácia que desejam. Portanto, uma aplicação tópica quente pode facilitar o afluxo do sangue à região sofredora e produzir um alívio imediato. Pode-se notar que os remédios não possuem, muitas vezes, uma determinada virtude, mas variável conforme a crença de cada indivíduo ou grupo de indivíduos. Em suma, conclui-se que o mesmo vegetal pode servir para variados fins segundo, a confiança e credibilidade que cada um dispense a ele. É a crença comum de que os mais experientes não podem dispor e usar remédios ou aplicá-los a outros, sob pena dos mesmos perderem a eficácia.

Além, dos medicamentos naturais usados, também alguns outros processos curativos utilizados pelo povo Bororo, em suas doenças e disposições, permitem reconhecer que recorrem aos seus curandeiros e aos remédios particularmente usados nos processos, e conseguem obter eficácia curativa.

Dentre as práticas mais usuais, podem-se elencar as sangrias, os vomitivos e as desinfecções. As sangrias externas são provocadas com um arco de pequeno porte e flecha em miniatura denominados *Içira*. A linha do arco, faz o papel de corda que, prende-se a flecha em miniatura que é uma nervura do folíolo de palmeira com uma aguda ponta de quartzo. A setazinha é atirada repetidas vezes, sem se desprender do fio, à região dolorida do corpo pelo próprio doente, produzindo minúsculas picadas que originam em uma sangria superficial.

Há outras sangrias mais cruentas, que são obtidas com os dentes de traíra (peixe), denominados *Réko ó*, com os quais o doente se fere muitas vezes. O vômito, acompanhado em geral de hemorragia gástrica, é provocado com uma fina raiz de um vegetal do cerrado denominado *Béo Úke Jorúbo* ou de outro chamado *Pári Úke Jorúbo* ou um terceiro conhecido pelo nome de *Rúwo Porodojeba*, vard. de arbusto. O povo Bororo usa esses processos com muita frequência, todos os dias, e para os mais variados fins. Em particular, especialmente os mais velhos, que não se deitam a noite sem primeiro terem esvaziado o estômago. Os mais moços fazem o mesmo antes das corridas. Um sistema de desinfecção das feridas é o de lavá-las com uma infusão de casca de *Bíe í*, jenipapeiro. Para estancar o sangue, diminuir a inflamação e infecção, pulverizam as feridas com o pó de casca torrada dessa mesma árvore.

Alguns vegetais mágicos usados como remédios têm uma eficácia, pelo menos aparente e plausível, e há também muitíssimos outros usados em modo supersticioso ao quais os índios atribuem virtudes mágica. Porém, alguns fazem para robustecer as crianças, a simples aplicação de carvão nas pernas das mesmas. Muitas pinturas faciais ou somáticas, além de servirem de ordenamento, servem de ornamento, possuem poder curativo, especialmente se feita com *Kído guru*, resina - *Bóe e Ejwíwu*, pintura fácil dos Bororo, e *Bóe e Pemegadódu*, pintura somática dos Bororo.



## Conclusão

Como relatado acima, natureza, doença e remédios usados pelos indígenas, é um tema denso que aborda uma grande variedade de práticas curativas e terapêuticas deste povo. O conhecimento dessa prática, nos leva a compreensão dos fatores direcionados a ideia de que o meio ambiente, os hábitos e costumes, as vestimentas, o temperamento e a constituição física dos indígenas são fatores determinantes para ocorrência das doenças. Um dos maiores méritos da ação missionária junto ao povo Bororo foi a preservação de sua existência física e cultural. Além de ser uma experiência extraordinariamente rica, e também um referencial pragmático para quem está empenhado em amparar populações tradicionais.

## Referências

ALBISETTI, C.; VENTURELLI, Â. J. **Enciclopédia Bororo**. Campo Grande, 1962. v.1 e v. 2.

BRANDÃO, A. C. **O museu na aldeia: comunicação e transculturalismo** (O Museu Missionário Etnológico Colle Don Bosco e a Aldeia bororo de Meruri em diálogo)

TOMAGNINI, N. C. **Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (1844)**. 2ª ed. Trad. Pirajá da Silva. São Paulo: Editora Nacional, 1979.